

O deficiente visual e a Biblioteca Pública Estadual "Luiz de Bessa"

The blind and visually handicapped users and the Biblioteca Pública Estadual «Luiz de Bessa»

ODILIA CLARK PERES RABELLO *

Analisa o atendimento prestado ao deficiente visual pela Biblioteca Pública Estadual «Luiz de Bessa», bem como procura conhecer esse usuário, caracterizando-o e identificando-o do ponto de vista sócio-econômico e de suas demandas e expectativas em relação à Biblioteca.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como finalidade avaliar o atendimento prestado ao deficiente visual pela Biblioteca Pública «Luiz de Bessa», através da Divisão Braille, bem como conhecer esse usuário, procurando caracterizá-lo do ponto de vista sócio-econômico, além de identificar sua demandas, necessidades e expectativas em relação à biblioteca.

Como instrumento de pesquisa foram utilizados: entrevista com 20% dos usuários, voluntários e funcionários da Divisão, para conhecer suas opiniões e expecta-

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

tivas em relação ao serviço; formulário aplicado aos usuários, para sua caracterização; análise documental, para levantamento do histórico e situação atual da Divisão Braille em termos de recursos e atividades. O estudo foi realizado no primeiro semestre de 1988.

2 O DEFICIENTE VISUAL

Quem é o deficiente visual entre nós? «O cego é um ser normal, é apenas portador de uma deficiência». «Eles precisam, apenas, demonstrar que possuem a mesma capacidade para participar do desenvolvimento sócio-econômico cultural» (1).

Em que medida a sociedade brasileira cria condições para que tal ocorra, em termos de educação, oportunidades de trabalho e de integração social?

Uma análise de nossa situação nos mostra um quadro cruel: o deficiente é um marginalizado: «observa-se que durante vários anos os deficientes físicos e mentais não eram considerados cidadãos, não tinham acesso à educação e ao trabalho, e, portanto, não possuíam direitos políticos e sociais» (1). Atualmente a situação não se apresenta dessa forma, principalmente no que diz respeito à legislação. VEIGA lembra que «o Brasil pode orgulhar-se de ser o primeiro país em toda a América a ter a educação de cegos decretada pelo governo». No que se refere à legislação trabalhista que ampara o deficiente, «no plano de concessão de direitos, a legislação brasileira é satisfatória. No nível de regulamentação as lacunas são numerosas» (1).

Mas o que se observa é que existe uma contradição entre o discurso e a realidade vivida pelo deficiente.

A Educação é um direito de todos e a educação especial assegurada na Constituição: «No Brasil de hoje, a Educação Especial, em suas linhas gerais visa os

mesmos objetivos da Educação Geral, ou seja, visa usufruir e formar o deficiente de forma integrada, desde o jardim de infância até a universidade, proporcionando condições que favoreçam a integração do deficiente visual na sociedade, onde irá conviver e trabalhar (1). Para que esta educação possa ocorrer, alguns requisitos são necessários: «um professor habilitado, conteúdos curriculares adequados, metodologia e/ou técnicas metodológicas específicas e materiais ou equipamentos apropriados de ensino» (1).

GOUVEA pergunta: «Será que os deficientes encontram livros em Braille ou em tipos ampliados... máquinas de datilografia Braille»? Toda a ação da educação ficará limitada se «a imprensa Braille não despontar com mais força para que os livros didáticos em Braille possam cobrir a demanda... se não partirmos para o ensino falado, para as fitotecas, na complementação dos livros didáticos». (1) VEIGA afirma: «Por toda parte (no estrangeiro), existem centros produtores de livros, revistas e aparelhos gratuitos para cegos, que circulam livremente, de um país para outro, sem nenhuma intervenção alfandegária. Como dói ter que dizer que esta isenção de alfandêga não existe no Brasil. Já existiu, mas desapareceu».

O que se observa é que em todos os níveis de ensino, o deficiente se depara com um problema básico: «a existência de material didático não compatível com sua limitação» (1).

Este problema torna-se particularmente agudo na educação superior. O acesso dos deficientes visuais às profissões liberais é limitado entre outros fatores, pela «falta de material didático de nível superior e a quase total ausência de apoio ao universitário visualmente em desvantagem» (1). Daí a conclusão do autor: «com tantos embaraços que o deficiente visual encontra para obter

formação de nível superior, com tão pouca chance que o brasileiro deficiente visual tem de educar-se, não se admira que o número de profissionais liberais deficientes da visão seja pequeno em nosso país» (1).

Deve-se acrescentar que a Educação não deve ser pensada apenas em termos formais, mas associada a aspectos mais amplos. A problemática da cegueira envolve quatro aspectos: prevenção primária, secundária, recuperação e reabilitação. Esta deve ser entendida como «o conjunto de medidas educacionais, em senso lato, que vão cuidar daqueles irremediavelmente cegos... envolve aspectos amplos, cuja soma vai dar a cidadania ao indivíduo. São os aspectos sociais, psicológicos, religiosos, políticos e profissionais» (1). Pode-se perguntar em que medida esses aspectos vêm merecendo atenção do governo e da comunidade, que deveriam colocar à disposição dos deficientes visuais «várias opções para sua educação, cultura, profissão ou lazer» (1).

As deficiências da educação vão se refletir no mercado de trabalho. «Hoje existem em nosso Estado cerca de 2 milhões e 500 mil pessoas deficientes sendo que aproximadamente 500 mil são deficientes visuais, e destas, uma minoria possui emprego» (1). Um aspecto fundamental para a integração do ser humano: «é a sua capacidade para trabalhar, produzir, tornar-se independente» (1). Mas: «o mercado de trabalho para pessoas deficientes é extremamente restrito. As chances de colocação são raras, discriminatórias e em muitos casos inexistentes por desconhecimento das capacidades dessas pessoas» (1). «E também por que elas não têm as mesmas oportunidades que outros indivíduos têm em relação à sua formação intelectual e profissional» (1).

Essa situação vai fazer com que um número significativo de deficientes visuais tenha dificuldades que se situam a nível de sobrevivência e de integração social,

visto ser o trabalho fator essencial para o estabelecimento de relações sociais. «O deficiente, quando privado na utilização da sua capacidade de trabalho deixa de assumir determinados papéis sociais, que ocasionam situações de desintegração tanto na família quanto nos grupos sociais a que pertence» (1).

O deficiente visual no Brasil pode ser considerado um marginalizado social, mas «a cegueira, se mutila a visão dos olhos, não priva o ser humano da inteligência nem da sensibilidade, dos seus direitos nem das nossas responsabilidades» (1).

3 A DIVISÃO BRAILLE E O ATENDIMENTO AO DEFICIENTE VISUAL

3.1 A Divisão Braille

A Divisão Braille começou a funcionar em 1965, a partir da doação de 500 volumes da Biblioteca «Luiz Braille» da Associação de Cegos. Funcionou precariamente na Seção de Empréstimos Domiciliares até 1969 quando foi transferida para um espaço próprio no 2º andar da Biblioteca, contando com novas instalações e cabines para gravação à prova de som, doadas pelo Lions Club «Marília de Dirceu», de Belo Horizonte e inauguradas em 1970, ano em que surgiu também a fitoteca.

Seus equipamentos (máquinas de datilografia Braille, gravadores, fitas) foram obtidos através de doações de entidades assistenciais e culturais e campanhas realizadas junto a firmas comerciais e à comunidade.

A partir de 1970 passou a contar com um corpo de leitores e copistas voluntários, que colaboram com a Divisão prestando serviços gratuitamente, na transcrição de textos para o Braille, gravação de fitas, leitura

a viva voz. Cursos de leitura e escrita Braille são realizados anualmente, visando habilitar pessoas para o serviço de copista Braille.

A Divisão mantém convênio com a Fundação para o Livro Cego no Brasil, com sede em São Paulo, dela recebendo doação de livros em Braille, a Revista Relevo, livros falados, e com o Instituto Benjamin Constant, de onde recebe a Revista Brasileira Para o Cego e a revista infantil Pontinhos.

Conta com um acervo de 3.500 volumes, 6.000 fitas gravadas, quatro títulos de periódicos. Possui cinco máquinas de datilografia Braille e cinco Gravadores.

Seu quadro de funcionários é formado por dois bibliotecários, três auxiliares (um em fase de aposentadoria) e dois celetistas.

Possui um corpo de voluntários com aproximadamente trinta leitores (quatro fixos para gravação), oito copistas (quatro fixos e quatro que realizam o trabalho da Biblioteca). Conta atualmente com 309 usuários inscritos (inscrição recente, renovada).

São oferecidos os seguintes serviços aos deficientes da visão:

- a) empréstimo de livros em Braille;
- b) empréstimo de fita gravada (livro falado);
- c) transcrição em Braille de textos, apostilas e outros, mediante solicitação do material;
- d) atendimento a pesquisas no local, através da utilização do acervo da Divisão e de outras Divisões da Biblioteca (nesse último caso, procede-se à leitura a viva voz);
- e) empréstimo de revistas em Braille;
- f) atividades de lazer no local, através de jogos recreativos.

4 O DEFICIENTE VISUAL: USUÁRIO DA BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA

O usuário da Divisão Braille é jovem, com idade média que varia entre os 21 e 30 anos, com nível de escolaridade que se situa predominantemente no 1º e no 3º graus:

... mas tem vindo também muita criança...

... vem gente de todo nível: 1º grau, 2º grau, universidade...

... aqui é o recurso mais acessível que a gente tem...

... todo mundo que precisa e pode, vem... (depoimento de um usuário).

A maioria dos frequentadores é apenas estudante:

... Estou terminando o Curso de Direito. Quero ser funcionária pública, faço todo concurso que aparece...

... Estou só estudando...

... vou fazer supletivo... (depoimentos de usuários).

Os usuários que possuem uma ocupação constituem a minoria. São advogados, vendedores de livros, telefonistas, músicos, digitadores (de computador), cambistas de loteria e «do lar». Muitos disseram ter uma profissão, sem contudo exercê-la, por falta de oportunidade de trabalho:

... Enquanto estão no São Rafael, recebem alguma assistência. Depois, vão vender loteria, têm que se submeter à subemprego... (depoimento de um usuário).

Estes leitores são provenientes de famílias pobres. Analisando-se as ocupações dos pais dos leitores, observa-se que estas, na sua maioria, podem ser clas-

sificadas como de nível inferior como: carreteiro, sapateiro, operário, lavrador e armador. E parece que os filhos se mantêm nesse nível:

... eles possuem poder aquisitivo baixo...

... muitos não podem comprar uma fita para trazer para gravar na biblioteca...

... nem têm gravador... (um ledor).

Os usuários da Divisão moram longe, em bairros distantes, alguns de periferia como: Vila Clóris, Independência, Marajó, Santa Helena, Vera Cruz e Ermelinda. São encontrados também, moradores de bairros pertencentes a cidades vizinhas de Belo Horizonte como Eldorado e São Luiz (Contagem).

... Geralmente eles moram longe...

... da periferia para diante...

... E têm que tomar dois ônibus para chegar até a Biblioteca Pública... (depoimento de um funcionário).

... o que é bom é que o deficiente visual não paga condução para a grande Belo Horizonte... (depoimento de um usuário).

Muitos dos deficientes visuais vêm do interior para a capital:

... vêm de sua cidade de origem, longe de suas famílias, eles saem para a cidade grande para estudar...

... 70% deles tem origem muito humilde...

... muitos cegos moram em pensões, não têm local para estudar nem para ouvir gravador. Você não sabe o que é morar em pensão. A dona da pensão cobra até a força que a gente gasta para ouvir o gravador... (depoimento de um usuário).

A deficiência visual torna o usuário da Divisão Braille um leitor especial da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa e condiciona o seu comportamento e expectativas em relação à Instituição. Para ele a Biblioteca Pública se restringe à Divisão Braille:

... só uso aqui...

Não utiliza praticamente nenhum outro recurso da Biblioteca, mas tão somente: empréstimo de livros (em Braille) ou de fitas, gravação de fitas, transcrição em Braille, leitura a viva voz e cópia de apostila (em Braille). São raros os depoimentos que mostram o contrário:

... não pego livros no empréstimo...

... outro dia foi a primeira vez...

... os meninos agora já têm pegado...

... já usei também uma vez a Referência, para ler aqui...

... leram para mim...

... já pedi uma vez no Apoio e eles leram aqui para mim... (depoimentos de usuários).

Segregados do restante da Biblioteca, com uma perspectiva restrita de suas potencialidades e recursos, não se diferenciam, contudo, dos demais leitores da Biblioteca Pública: são estudantes, que visitam-na predominantemente por razões relacionadas ao ensino:

... eu freqüento muito para estudar, leio muito romance também...

... leio mais de Direito, termino este ano...

... a prioridade é o ensino...

(depoimentos de usuários).

Todos os recursos da Divisão são importantes e utilizados pelos leitores:

- ... livro, estória. livro didático, tudo...
- ... fita ou livro, tem pouca opção...
- ... não tem direito de escolha. O que acha — acha ótimo, bom demais...

Observa-se contudo, uma procura significativa de apostilas, de exercícios, principalmente de inglês. Muitos usuários vão também até a Biblioteca para a leitura a viva voz:

- ... desde janeiro que ele está lendo para mim, vou fazer o supletivo...
- ... lê português, geografia e OSPB... (depoimentos de usuários).

A satisfação desses leitores em relação aos recursos da Divisão Braille é relativa:

- ... Os romances são muito antigos, literatura moderna não têm, como livros americanos de ficção...
- ... você é obrigado a ler o romance que tem, não o que quer...
- ... tem de tudo um pouco...
- ... até livro espírita tem...
- ... O problema é a falta de informação, o material é escasso.
- ... A gente padece, o mundo exige cada vez mais de todo mundo, a gente tem que ser melhor que todo mundo. A sociedade cobra e não dá condições pra gente...
- ... a gente tem acesso a pouco livro...

- ... Nos EEUU tinha a «Seleções» em Braille. Aqui não tem nada, uma revista sai de quatro em quatro meses, a de outubro do ano passado chegou agora em junho...
- ... quando vem, vem tudo desatualizado...
- ... Precisa de material da atualidade, em maior variedade, revistas para se integrar, se informar, culturalmente, como a «Veja». A Revista Brasileira chega tão atrasada que você lê hoje os melhores lances do ano passado...
- ... Será que um dia o cego vai ter um jornal?...
- ... A gente lê o que saiu no outro ano. É como ler um jornal de ontem...
- ... Os didáticos, tem que jogar tudo fora, os de 3º grau...
- ... desatualizados, os romances... em 2º plano... (depoimentos de usuários).

O fato de a maior parte dos materiais ser produzida na própria biblioteca e esta não se encontrar equipada adequadamente para esse serviço, gera insatisfação nos usuários: eles cobram serviços mais rápidos, maior variedade de materiais, melhores equipamentos:

- ... máquinas mais modernas...
- ... uma imprensa Braille...
- ... mais gravadores, mais fortes e mais resistentes...
- ... mais fitas, às vezes tem que desgravar...
- ... às vezes falta papel...
- ... falta material humano...
- ... a cópia à máquina demora muito tempo, às vezes não copiam tudo (por que é muito grande)...
- ... a apostila, levam um mês para fazer, e a gente precisa em uma semana...

- ... Às vezes batem um pedaço para um, param, batem outro pedaço para outro...
- ... O que tem aqui que salva é o pessoal e os voluntários — o atendimento...
- ... Uma conquista grande, de agora, foi o telefone no setor...
- ... é de grande valia. Uma vitória do Braille... (depoimentos de usuários).

As propostas para a melhoria dos serviços não se restringem a esses aspectos mas apresentam sugestões que revelam uma consciência aguda da problemática da produção de material e do atendimento ao deficiente visual:

- ... A biblioteca trabalha muito a nível individual, devia trabalhar em cooperação, a nível de grupo. Por exemplo: priorizar os cursos que os deficientes fazem mais, como História, Direito, Letras, Pedagogia. Produzir material em função dos cursos...
- ... O ideal seria um Centro Estadual de Produção de fitas, livros, apostilas e mandar material para o Estado inteiro, para manter o deficiente visual no interior...
- ... ele vem para a capital estudar e não sabe como sobreviver... (depoimentos de usuários).

Apesar de não conhecerem outros setores ou recursos da Biblioteca, alguns deles demonstram querer uma participação maior:

- ... Existe «N» coisas que a Biblioteca podia programar durante o ano, mas há falta de estímulo. Ela devia buscar informação e recursos onde eles existem. Por exemplo: Companheiros da América... aqui tem que ter tudo...

... O espaço físico é muito limitado, deviam ampliar.
O deficiente visual vem para a Capital e não tem local para estudar. Deviam reservar um espaço «X», que o deficiente podia ficar... num prazo, por exemplo: de duas horas para cada um...

... Devia ter jogos, atividades culturais...

... uma sucursal... outro Setor Braille lá, começando devagar, com voluntários — se tiver uma pessoa animada...

... debates, cursos, é muito bom...

... Aqui tem curso para as obras do Vestibular?
Não sabia... (depoimentos de usuários).

E são usuários constantes, antigos:

... venho toda semana...

... tem muito tempo que venho aqui...

... freqüente desde o 2º grau, estou terminando a faculdade...

... freqüente muito... (depoimentos de usuários).

Os usuários deficientes visuais são sobretudo conscientes, com uma visão política bem definida:

... são 13 milhões de deficientes no Brasil...

... parcela significativa da população que tem muito problema com o material. O governo não dá estímulo...

... sabe, se fosse possível o governo podia dar uma atenção maior. O governo deve manter o serviço...

... Precisa de um trabalho mais consistente, no Estado é muito difícil...

... Para saber a situação? É só eles virem aqui...

... a situação é difícil. Temos que cobrar...
(depoimentos de usuários).

Concluindo, pode-se dizer que esse é um grupo de usuários com uma característica bem definida: a homogeneidade. Possuem um nível sócio-econômico baixo, moram em bairros distantes e são estudantes. Sua ligação com a Instituição é limitada ao espaço que lhes é reservado: a Divisão Braille. Espaço que não lhes satisfaz da maneira como gostariam, pela coleção deficiente em termos de adequação; qualidade das transcrições; atendimento prejudicado pelo número insuficiente de funcionários; equipamentos antigos; demora na produção do material.

É sobretudo um usuário consciente de suas necessidades e das limitações com a quais se defronta:

... Aí a gente esbarra no básico da Educação. Cego que não usa o tato e o ouvido não vai chegar a nada. O problema é a informação. O acesso à informação... constata um usuário.

5 O ATENDIMENTO DA DIVISÃO BRAILLE: A PERSPECTIVA DOS VOLUNTARIOS

Os voluntários do Braille vêm prestando uma colaboração muito importante à Biblioteca Pública como leitores e copistas, transcrevendo textos para o Braille, gravando fitas, fazendo leitura a viva voz. Na sua maioria são pessoas mais idosas, aposentadas, que vêm trabalhando no Setor há muito tempo. O trabalho todo pode ser resumido em:

... muita dificuldade, muita vontade... (um leitor).

As dificuldades encontradas são variadas e referem-se basicamente aos equipamentos: segundo eles, são antigos, apresentam defeitos constantes, atrasando o trabalho e não possibilitando um serviço de boa qualidade:

«O problema das máquinas de datilografia é sério. A gente leva um tempo muito grande fazendo o trabalho, toda hora estraga tudo, muitas vezes a gente bate uma folha, a máquina emperra, a folha amassada, perde todo o trabalho. O serviço fica muito lento, não aparece o resultado».

Para eles, todas as cinco máquinas de datilografia são deficientes:

... uma é imprestável...

e representam 80% dos problemas do setor.

Essa situação vem provocando, segundo a percepção deles, um esvaziamento do serviço dos voluntários:

... não adianta incentivar voluntários, se só têm máquina ruim...

... Isto frustra muito...

... Vinte pessoas fizeram o curso, só três são voluntários fixos. O resto desiste, acho que porque sentem uma frustração de querer trabalhar e o serviço não ir para frente...

... A gente cansa, a gente já está meio velho...

... a agilidade que a gente vai adquirindo com o tempo não adianta nada, pois a máquina emperra...

E «sonham» com máquinas mais modernas e eficientes:

... se tivesse um computador... dizem que tem computador para fazer livro Braille...

... uma imprensa Braille seria o ideal...

... A gente não ia ter dificuldade em aprender. Já sai rápido. Não ia precisar fazer como agora: bato um pedaço de um livro para uma pessoa, paro, bato outro pedaço de outro livro para outra pessoa que tem urgência...

A falta de papel é também lembrada:

... lutamos com papel. Ano passado ficamos oito meses sem papel, batíamos em papel grosso que estraga a máquina e tem que fazer mais força. Mas não podíamos parar...

Os gravadores também não estão em boas condições:

... O problema é a deficiência do material: os gravadores são velhos, ruins. Só uns dois gravam fitas nítidas, boas. Sai pouco nítido, com muitos ruídos...

É sentida a necessidade de um maior número de gravadores:

... tem voluntário e não tem gravador. Não se presta mais serviço por falta de condição material...

... Há falta grande de fitas. Às vezes o deficiente visual traz as fitas de casa. Mas muitas vezes não dá. Eles são quase todos de uma classe econômica baixa...

A importância da gravação de fitas é sentida pelos voluntários:

... um livro em Braille é pesado, volumoso, só pode ir emprestado um de cada vez. A fita pode trazer benefícios maiores, servir para um grupo grande ao mesmo tempo...

Consideram que a coleção apresenta deficiências grandes, ausência de livros mais modernos:

... esses romances novos, best-sellers, não tem nada...

... Há uma grande demanda de apostilas, livros didáticos e do vestibular...

... Ano passado bati muito livro de crianças. Não tinha quase nada...

A leitura em viva voz é outra atividade prestada pelos voluntários e de grande demanda:

... desde janeiro estou lendo livros de português, geografia, OSPB. porque ela vai fazer supletivo...

... Às vezes leio e interpreto também...

Segundo a percepção desse grupo, os usuários da Divisão Braille ficam muito restritos aos serviços do setor:

... seria bom ter um salão de jogos só para cegos: dominó, xadrez. Têm pessoas que ficam horas jogando...

... A sala de música também seria bom...

Há uma concordância em relação aos funcionários da Divisão:

... o pessoal é muito bom...

... Eu vejo um bom atendimento, muito carinho...

O trabalho que realizam é por eles considerado importante:

... Acho maravilhoso, eu recebo mais que dou para o cego...

... Acho muito pouca gente, pouco divulgado...

... apesar de tudo, eles prestam serviços com dedicação e amor...

Observam também, que principalmente entre pessoas mais novas, a opinião dominante é de que o governo deve manter o serviço:

... acham que é uma obrigação do Estado...

Em relação aos usuários, consideram que eles:

... são muito inteligentes, muito politizados...

6 A PERSPECTIVA DOS FUNCIONÁRIOS

O grande problema da Divisão, para eles, reside na deficiência dos equipamentos: velhos, em pouco número, sempre estragados, o que provoca um ritmo lento de trabalho:

... um livro de dez volumes de Braille leva quatro meses para ser batido (com interrupção), vai para encadernar na gráfica, leva no mínimo seis meses para ser colocado para o usuário...

... Às vezes um livro leva até um ano para ficar pronto. Para ficar mais rápido, os que dá, a gente encaderna aqui mesmo, de uma maneira improvisada...

Os gravadores também são considerados ruins, provocando gravações de má qualidade:

... Precisa também de fita de boa qualidade. A fita é muito manuseada...

O papel se constitui sempre em problema, por ser especial, e sua falta tem provocado a paralisação das atividades ou a sua substituição por papel inadequado, com danos para as máquinas e reflexos na qualidade e rapidez do serviço. Os funcionários consideram que, atualmente, a principal demanda está relacionada a apostilas, principalmente de inglês:

... A gente transcreve uma média de 1000 folhas por mês...

Observam, também, uma deficiência grande de livros infantis, que está sendo sanada em parte, com transcrições.

Consideram importante a obtenção de máquinas mais modernas:

... tem uma IBM que seria ótima para transcrever apostila...

Para um serviço de maior porte necessitariam de uma imprensa Braille. Existe uma demanda grande do interior e na medida do possível ela é atendida individualmente, com livros sendo emprestados por tempo determinado. As principais cidades atendidas são: Juiz de Fora. Sete Lagoas, Ipatinga, Cataguases, Itaúna, Divinópolis. Bibliotecas do interior começam a procurar a Divisão Braille solicitando ajuda. Apesar do material não pagar correio, o que é um aspecto facilitador, a carência de material da Biblioteca Pública impede um trabalho sistemático de atendimento.

Os funcionários da Divisão Braille sentem a necessidade de desenvolver um serviço de extensão do Braille, com a finalidade de facilitar o acesso dos deficientes visuais à informação. A grande maioria deles mora longe, alguns têm múltiplas deficiências que os impedem de se locomoverem até à Biblioteca, outros como crianças, ficam na dependência da companhia de um adulto, os que trabalham não têm disponibilidade de horário para visitarem a biblioteca (ou vão até lá para retirar um livro e vão embora imediatamente). A existência de locais de concentração de cegos, como bairros da periferia e cidades vizinhas (Contagem, Santa Luzia), associações de cegos, pontos de emprego (exemplo: a Loteria da Praça Sete, onde a maioria dos vendedores de bilhetes são leitores da Divisão), possibilita a implantação de um serviço de carro-biblioteca, única extensão possível devido ao volume e peso de um livro Braille. O carro-biblioteca poderia servir também para o transporte de jogos (que despertam muito interesse entre eles) e para trazê-los à Biblioteca, visando à sua integração:

... Gostam muito da audição de música, não gostam de se sentir discriminados...

Finalmente, os funcionários observam que, atualmente, começa a existir uma integração maior dos deficientes visuais na Biblioteca, e esses já podem, com suas fichas do Braille, retirar livros no Empréstimo e na Infantil.

7 CONCLUSÕES

Uma análise dos diferentes aspectos do problema nos revela algumas conclusões significativas, que merecem reflexão:

- a) existe uma clara contradição entre os direitos assegurados ao deficiente visual e a realidade dos recursos colocados à sua disposição;
- b) existe uma demanda e uma necessidade grande de material em Braille, principalmente didático, que não está sendo atendida pela Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa por falta de recursos (equipamentos, materiais, pessoal);
- c) logo, não está sendo oferecida, de uma maneira adequada, a infraestrutura necessária para que a Educação do deficiente visual ocorra com êxito;
- d) a nível de Biblioteca Pública, observa-se que as carências existentes impedem que seja desenvolvida, para os deficientes visuais, uma ação que os atenda em termos de informação nas várias opções para sua educação, cultura, profissão ou lazer;
- e) a participação da comunidade na Divisão Braille, desde sua criação até hoje, sempre foi preponderante, superando a do Governo que a mantém;
- f) existe uma consciência clara da necessidade de um trabalho cooperativo, ao mesmo tempo que se cobra do Governo uma ação mais concreta de apoio e manutenção do serviço;

- g) os serviços prestados pela Divisão Braille precisam ser expandidos e aperfeiçoados com urgência para atender as demandas dos usuários;
- h) a expansão dos serviços está relacionada à melhoria das condições de funcionamento da Divisão, principalmente em termos de material e equipamentos;
- i) a melhoria dos serviços deve ser entendida como: maior rapidez na produção dos materiais, maior variedade de títulos produzidos, maior número de equipamentos (mais modernos e de melhor qualidade);
- j) existe um grupo de «não usuários» que está a merecer a atenção da Biblioteca, pois esta atende a um número reduzido de deficientes visuais.

A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, que se propõe a difundir a informação e a promover a leitura, vem desempenhando um papel importante para o deficiente visual, possibilitando-lhe acesso à informação e ao conhecimento. Mas esse atendimento vem se apresentando limitado, deficiente, quase insignificante, diante das grandes carências e necessidades dos deficientes visuais de Minas Gerais.

A conclusão final que se pode tirar deste estudo encontra-se sintetizada em dois depoimentos de usuários:

... O deficiente visual não tem direito de escolha. O que acha (na Biblioteca) — acha ótimo, bom demais...

... Sabe, no fundo ele é muito corajoso, muito abnegado. Mas sem a informação não vai chegar a nada. O problema é o acesso à informação...

Problema que se torna mais agudo na medida em que se constitui em mais um obstáculo, dentre tantos outros, que o deficiente visual tem que vencer para se afirmar como pessoa e para se integrar à sociedade e participar de seu desenvolvimento.

It analyzes the services provided to blind or visually handicapped users at Minas Gerais State Library «Luiz de Bessa». It also investigates those users, characterizing and identifying them according to social and economic conditions and from the point of view of their demands upon and expectations in relation to the «Luiz de Bessa» Library.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SIMPÓSIO sobre ensino integrado dos deficientes visuais, 3. Belo Horizonte, Fundação Hilton Rocha, 1986.
2. VEIGA, J. Espínola. **O que é ser cego**. Rio de Janeiro, José Olympio. 1983.